

ENTREVISTA

*Tempos de Lukács e nossos tempos: socialismo e liberdade**

*Entrevista com István Mészáros***
Por J. Chasin, Ester Vaisman, Carlos Eduardo Berriel,
Narciso Rodrigues, Ivo Tonet e Sérgio Lessa



Da esquerda para a direita: I. Mészáros, Narciso Rodrigues Jr., Ester Vaisman, Ivo Tonet e J. Chasin. De costas: Sérgio Lessa e Norma Casseb.

* Publicada originalmente na *Revista Ensaio* n°. 13. São Paulo: Ensaio, pp. 9-29, 1984. 1

** Professor Emérito de Filosofia da Faculdade de Artes da University of Sussex.

É fantástico, mas, na atualidade, a herança lukacsiana quase não é reclamada. Poucos são, pelo mundo inteiro, aqueles que fazem de sua obra e de sua vida ponto de apoio e inspiração. Não tão fantástico, se considerado for que a escassez contemporânea é também de marxistas *tout court*. Não borradas as proporções, há que compreender que o destino de Lukács depende e está atado estreitamente ao destino de Marx.

Os romanos diziam que os livros têm seu destino. Há que acrescentar: também os escritores. E que tais destinos, é óbvio, são muito mais impessoais do que, na cinza do cotidiano, somos levados a colorir. Em suma, como dizia o próprio Lukács em “Narrar ou descrever”: “A verdade do processo social é também a verdade dos destinos individuais”.

Eis que, no processo social de nossos tempos, o ostracismo de Lukács é a pedra angular na “construção” do ostracismo de Marx.

Que outra coisa poderia advir da “crueldade da vida social, do rebaixamento do nível de humanidade, enquanto fatos objetivos que acompanham o desenvolvimento do capitalismo” [como diz Lukács no texto citado], ainda acrescidos, desde a Comuna de Paris, por mais de um século de derrotas do proletariado?

Decerto, quando a história dos homens puser abaixo esta muralha de “esquecimento”, o destino próprio a Marx e a Lukács tornará à devida luz. Supor meramente o contrário é, no mínimo, ruminar o mau gosto das desatenções elementares. Quantas vezes já mataram Hegel? E Aristóteles, quantas já foram as suas ressurreições?

Até lá, com calma e coragem, é ir saltando para além da paliçada, perturbar a faina dos “pedreiros” e ir abrindo brechas onde for possível. Uma réstia, iluminando, sempre passará.

István Mészáros (+1930) é um destes valentes “britadores” atuais. O mais ativo e conhecido deles. O único do reduzidíssimo círculo que teve oportunidade de trabalhar diretamente com Lukács a sustentar com convicção e coerência o peso de uma identidade e a fertilidade de uma perspectiva.

A nosso convite, veio pela primeira vez ao Brasil, para participar do I Simpósio de Filosofia do Nordeste, centrado sobre o pensamento de Marx, que se realizou em João Pessoa, em outubro de 1983, sob patrocínio do mestrado e do Departamento de Filosofia da UFPb e da Seaf-Regional Nordeste, com apoio da Capes e do CNPq.

Na ocasião, István Mészáros pôde ir também a São Paulo, onde proferiu conferência no Tuquinha, e travou contato com uma série de integrantes e colaboradores da [Revista] **ENSAIO**, da qual é membro do Conselho Consultivo.

Horas antes de deixar J. Pessoa, em convívio de grande descontração e afabilidade com o grupo de professores da UFPb, Ufal e PUC-SP que formou a equipe de entrevistadores, gravou o depoimento ora publicado, cujo texto revisou posteriormente, já na Inglaterra, onde vive desde 1959.

I. Mészáros é um homenzarrão de alma doce, maneiras delicadas e inteligência vibrante. Ama o desconhecido: homens e cenários. E não resiste a uma comida bem apimentada. Escolhe mesmo o que vai comer quase que sob este único critério. Nessas horas, era uma delícia vê-lo perguntar, em português, que foi aprendendo com rapidez fulminante, se tal ou qual prato era ou não era “pimentôza”, com ar um pouco ansioso, preocupado em não fazer alguma escolha enganosa. Quase delirou ao ver, pela primeira vez na vida, a tapioca natural, preparada comumente, entre outros lugares, nas calçadas de J. Pessoa e ruelas de Olinda, alimento que já conhecia, vejam só, na forma de biscoitos, facilmente encontráveis, segundo disse, nos supermercados londrinos.

Incansável, ávido de todas as realidades, sempre disposto a discorrer sobre os tempos de Lukács e a enfrentar os dramas agudos de nossos tempos, nutre o grande prazer de pôr em tudo a mais humana das gentilezas. Em verdade, é um modo de ser, uma forma de encarar a vida.

Só uma coisa rompe com o encanto dessa dimensão íntima, e a rompe precisamente para a confirmar: a aversão, o ódio permanente por tudo que derive da dominação do capital, em qualquer de suas formas, ou seja, a barbárie capitalista e a barbárie stalinista.

Na esteira, pois, da fina herança lukacsiana e da perspectiva socialista, que Mészáros não entende tão longínqua, dada a crise estrutural em que entalou o capital.

Decerto aludindo a isso, numa dupla metáfora – ao mundo velho sem porteira todo carecido de um bom remédio, e ao desejo que alimenta de que sua ajuda na alquimia da poção seja fértil –, satisfaz a curiosidade de alguém que indagava pelo significado, em húngaro, de seu sobrenome, exclamando: “Carniceiro!” – e completa com um gesto, voz tranqüila e a ponta de um sorriso – “e é bom que seja assim...”.

J. Chasin: *Você é um nome razoavelmente conhecido junto à intelectualidade brasileira, mas não o suficiente. Sugiro, então, que comece por falar de sua infância e juventude, para que, aos poucos, cheguemos a um perfil completo.*

I. Mészáros: Minha infância foi muito difícil. Foi antes da Guerra, no regime de Horthy², em condições muito pobres. Éramos quatro, minha mãe, minhas duas irmãs e eu. De início minha mãe foi enfermeira, mas, no tempo da crise, no período entre [19]29 e [19]33, ela teve de deixar este trabalho e se tornou operária metalúrgica. E eu, em função da pobreza, tive de trabalhar em uma fábrica aos 12 anos e meio, falsificando a carteira de trabalho, onde elevei minha idade para 16 anos, mínima permitida por lei. Trabalhei, nesta ou naquela fábrica, praticamente até o momento de entrar para a universidade.

Chasin: *Que tipo de fábrica?*

Mészáros: Fábricas de aviões, têxteis, tipografias etc. Ao mesmo tempo estudava. Aos 18 anos entrei para uma universidade. Naquela época a vida se tornou mais fácil: não tinha que trabalhar ao mesmo tempo em que estudava. Podia, assim, me dedicar integralmente aos estudos. Neste momento, conheci Lukács, em circunstâncias muito interessantes. Ele estava sendo atacado por Révai³ e outros elementos do Partido.

E. Vaisman: *Em que ano?*

Mészáros: Em 1949, eu tinha 18 anos e meio.

Chasin: *Em razão do livro *A responsabilidade dos intelectuais*?⁴*

Mészáros: Sim, sobre a democracia popular e outras coisas do tipo. Dois ou três meses depois que entrei para a universidade; tentaram me expulsar em função da minha ligação com Lukács. Todavia, isto não aconteceu, estudei com ele e dois anos depois eu me tornei seu assistente. Sempre trabalhamos em mútua colaboração e nos tornamos grande amigos, incluindo sua mulher, Gertrud, que era uma pessoa maravilhosa.

Chasin: *Um dos propósitos desta entrevista é alcançar, pelo seu depoimento, a configuração desta relação de trabalho e amizade com Lukács. E também, é evidente, a própria reconstrução da figura de Lukács.*

² Miklós Horthy (1869-1957), contra-almirante da marinha habsburguesa que, em 1919, apoiou a aliança contra a República Húngara dos Conselhos. Em 1920 foi chefe do regime reacionário da Hungria. Destituído em 1944 por um golpe nazista, foi feito, depois, prisioneiro de guerra pelos aliados; foi, na seqüência, entregue ao governo húngaro.

³ József Révai (1886-1939), ideólogo e publicista. Entre as duas Grandes Guerras, emigrou e viveu, por último, na União Soviética. Depois do retorno à Hungria, em 1945, fez parte do vértice do Partido Comunista até 1956.

⁴ *A responsabilidade dos intelectuais* foi publicado no verão de 1944. Trata-se de um volume de ensaios sobre história e literatura húngaras; escrito entre 1939 e 1941, foi publicado pela primeira vez em Uj Hang com uma introdução datada de março de 1944. Este foi o primeiro volume escrito em húngaro por Lukács depois de um intervalo de 20 anos. Em 1945, o livro se tornou o centro de discussões ideológico-culturais na Hungria.

Mészáros: Ocorria, na época, uma mudança na orientação do Partido. Havia descrença de que se poderia falar seriamente em democracia popular. Na verdade, era uma palavra vazia, sem significado, pois todas as possibilidades de envolvimento popular estavam suprimidas: era propriamente um desdobramento do stalinismo.

Neste contexto, havia uma pressão de Moscou no sentido da autocrítica. Mas como pode um chefe de partido fazer autocrítica? É impossível! Deve encontrar alguém que faça isso por ele! Esse era o “papel” de Lukács no debate com Révai e outros. (Tudo de que Lukács era acusado pode ser encontrado nos próprios escritos de József Révai.) Sobre isso, Lukács gostava de contar uma anedota para caracterizar seu “papel”. Narrava que, em tempos passados, quando estivera na Universidade de Bonn, os estudantes levavam uma vida boêmia, divertindo-se e bebendo muito. Depois de embriagados, andavam pelas ruas quebrando os lampiões a gás. Os policiais não tinham como identificar exatamente os responsáveis. Adotaram, assim, o método de agarrar alguém, que devia então arcar com o prejuízo. E Lukács dizia que a ele coubera “pagar os lampiões de Bonn”. Ele era mesmo assim... No caso do debate com Révai, ele tinha sido atacado *para que ficasse demonstrada uma mudança ideológica* no seio do Partido. Veja bem, no meu país, no tempo do stalinismo, quando um homem importante, conhecido, é atacado pelo Partido... Bem, não é brincadeira. E, no ataque desencadeado por Révai, acabou havendo a intervenção de Fadeiev.

Quando Lukács vivia na União Soviética (1933-45), Fadeiev e ele participavam da Associação de Escritores. O grupo a que Lukács pertencia fazia oposição ao zdanovismo, do qual Fadeiev era um dos expoentes. Fadeiev era expoente literário mais famoso do período stalinista na Rapp, no Proletkult e no zdanovismo. Os seus escritos do pós-Guerra, que eram terríveis e sem nenhum valor estético, eram apresentados, naquele tempo, como modelo. Ele se tornou o expoente oficial do realismo socialista. Naquele tempo, Lukács chegou a ser preso.

Chasin: *Por quanto tempo?*

Mészáros: Por alguns meses. Os húngaros não faziam nada para tirá-lo da prisão. Até os amigos mais antigos do Partido recusavam-se a interferir. Por sorte, os intelectuais alemães, que o receberam em Moscou, intervieram. Béla Kun⁵ não era mais o chefe da seção húngara, mas seus amigos estavam no controle do partido húngaro.

Lukács tinha, em relação a eles, posições conflitantes a respeito de teoria da literatura, o que implicou a sua oposição à Rapp e ao Proletkult. Quando foi preso, naturalmente, tudo isso pesou. Nos interrogatórios, a polícia secreta queria que confessasse que era trotskista. Mas refutava tudo com bom humor. Paralelamente, os

⁵ *Béla Kun* (1886-1939). Em 1919, dirigiu a República Húngara dos Conselhos. Permaneceu no exílio em Viena e, depois, na União Soviética, onde fez parte do grupo dirigente da Terceira Internacional sob Zinoiev. Foi vítima do expurgo stalinista.

intelectuais alemães e outros intervieram a seu favor junto a Dimitrov, que naquele tempo era o chefe do Comintern, referindo a existência de afinidades entre as Teses de Blum e as de Dimitrov. Nas Teses de Blum, Lukács anunciava uma estratégia de fronts populares, sete anos antes de Dimitrov. Por isso, nos anos de 29/30, Lukács foi posto em desgraça, o que acabou com sua carreira política. Lukács pertencia à ala de Eugênio Landler⁶, que era opositor à fração de Béla Kun, um burocrata, um stalinista que trabalhava no Comintern. Os alemães puderam demonstrar a Dimitrov a afinidade política entre a estratégia da aliança popular, que Lukács recomendara ao Partido Comunista na Hungria, e a sua própria posição. Dimitrov, então, interveio junto a Stalin para relaxar a prisão.

Chasin: *Algo mais a respeito das relações entre Lukács e Dimitrov?*

Mészáros: Não. Dimitrov somente ajudou nessa oportunidade. Que eu saiba, não havia entre eles nenhum relacionamento estreito.

S. Lessa: *Aproveitando que houve uma intercalação, gostaria de perguntar se Lukács conheceu Bukhárin.*

Mészáros: Conheceu-o, um pouco, durante os anos 20. Não manteve com ele nenhum relacionamento. Conheceu Radek,⁷ que fazia parte do mesmo grupo político. Bukhárin não tinha muita simpatia por Lukács, pelo fato de ele ter criticado seu livro sobre o materialismo histórico, mostrando como seu materialismo era mecanicista. Bukhárin era um dos chefes do Comintern e o homem mais forte, politicamente, da União Soviética. Em contrapartida, criticara *História e consciência de classe*. Assim, o relacionamento entre os dois só poderia ser superficial, sem nenhum significado político ou intelectual.

Chasin: *Não quero dar saltos, neste diálogo, mas sua referência a História e consciência de classe me induz a fazer a seguinte questão: quase sempre História e consciência de classe tem sido contraposta à obra da maturidade. Gostaria de uma palavra sua sobre o que pensava Lukács a respeito.*

Mészáros: Sem dúvida, se tornou moda usar *História e consciência de classe* como uma arma de propaganda política. O fato de Lukács ter se recusado a republicá-la, por tantos anos, tem muito que ver com duas ordens de fatores: 1) inimigos do marxismo, que pretendiam aparecer como “amigos” do marxismo, usavam *História e consciência de classe* como uma arma contra o marxismo, e isto estava fora do controle

⁶ Eugênio (Jenő) Landler (1879-1928). Primeiramente foi social-democrata de esquerda e, depois, em novembro de 1919, membro do Conselho Nacional; durante a República Húngara dos Conselhos, foi comissário do Povo para Assuntos Internos, em seguida, comandante-em-chefe do Exército Vermelho Húngaro. Em 1919 emigrou para Viena, onde dirigiu a “fração Landler”, constituída no interior do Partido Comunista por oposição à “Fração Kun”.

⁷ Karl Radek (1885-1939), dirigente bolchevique de origem polonesa que, de 1919 a 1923, foi especialista em assuntos agrários da Terceira Internacional. Em 1927 foi expulso do Partido e deportado para a Sibéria. Em 1929 foi redator do *Pravda*. Preso em 1936, foi condenado em 1937 a 10 anos de trabalhos forçados.

de Lukács; 2) Lukács era um crítico sincero de posições suas em *História e consciência de classe*, fato que pode ser facilmente comprovado no “Prólogo” de 1967. Ainda hoje isto é apresentado como uma capitulação ao stalinismo. Isso é um absurdo. Ao contrário, refletia um desenvolvimento intelectual muito importante, uma passagem do hegelianismo ao marxismo, como ele explica no [texto] Meu caminho para Marx, que vocês publicaram⁸.

Lászlo Rudás,⁹ que iniciou o ataque a Lukács em 1924, era um velho filósofo stalinista, que reavivou este ataque, na Hungria em 1949.

A questão de *História e consciência de classe* é muito complicada, pois envolve fatores de ordem política e pessoal. O próprio Révai criticara História e consciência de classe por não ser bastante hegeliana. É possível provar isto, pois, naquele tempo, foi publicado no arquivo Grünberg (1925).

Deste modo, as pessoas que se viram envolvidas neste debate, nesse novo ataque de 1949, achavam-se em uma situação psicológica e intelectual extremamente confusa. Acusaram Lukács, num primeiro momento, de não ser suficientemente hegeliano, para depois o atacarem por ser hegeliano. Rudás, por exemplo, ia de um extremo a outro. Não é possível entender o que está envolvido na questão sem conhecer as relações extremamente complexas que estão por detrás dela.

No caso de Révai, ao mesmo tempo em que criticava Lukács, ele o salvou. Isto pode parecer paradoxal. Quando Fadeiev entrou em cena, as coisas se tornaram muito perigosas: de fato, Lukács temia ser preso. Enquanto os ataques vinham do partido húngaro, Lukács podia defender-se, dizendo “agora pago pelos vossos lâmpões a gás” e, em certo sentido, tudo isso era feito para consumo externo.

Imre Lakatos, que se tornou o sucessor de Karl Popper, o neopositivista anti-marxista, era quem selecionava os textos para os chefes do Partido utilizarem contra Lukács – e se orgulhava disso. Révai procurou levar o debate para um nível mais elevado, de princípios, e, num determinado momento, queria mesmo acabar com a discussão, pois sabia muito bem que tudo isso levaria uma grande questão com a União Soviética. Com a intervenção de Fadeiev, foi o início do fim: o debate acabou em 1951.

Chasin: *Nesta época, como era a vida de Lukács na universidade?*

Mészáros: As pessoas desapareciam, principalmente quando o debate se tornou sério. O instituto ficava vazio, pois todos tinham medo. Lukács tinha sua cátedra, seu posto, mas não tinha o que fazer. Não podia fazer conferências, seminários, pois as pessoas não compareciam.

8 Cf. LUKÁCS, G. Meu caminho para Marx. *Revista Nova Escrita Ensaio*. São Paulo, Escrita, n° 11-12, pp. 85-99.

9 *Lászlo Rudás* (1885-1950), político comunista húngaro que, depois da queda da República dos Conselhos, emigrou para a União Soviética, onde residiu até 1944, quando retornou à Hungria. Adversário de Lukács, iniciou em 1949 o chamado “debate Lukács” (que foi chamado por Lukács como “debate Rudás”).

Chasin: *Nestes seminários, a sua participação...*

Mészáros: Sim, era freqüente.

Chasin: *Quais eram os temas destes seminários?*

Mészáros: Eram sobre estética.

Chasin: *Lembra-se de algum autor examinado?*

Mészáros: Eram examinados vários autores. Livros clássicos, contemporâneos, húngaros, alemães e alguns russos também.

Chasin: *Qual o papel que estes seminários tiveram na sua própria formação e evolução pessoal?*

Mészáros: Representaram muito. Era uma situação privilegiada, pois havia três ou quatro pessoas que estavam discutindo esta questão com Lukács, sem limite de tempo. Mais tarde, o relacionamento pessoal também se tornou mais estreito e profundo.

Chasin: *Quais eram as outras pessoas que participavam?*

Mészáros: Os nomes não são conhecidos, havendo, inclusive, um estudioso de estética musical, Dénes Zoltai. As duas únicas pessoas conhecidas que vinham freqüentemente eram Agnes Heller e József Szigeti¹⁰.

C. E. Berriel: *Quando Lukács foi preso e a polícia secreta interrogava se ele era trotskista, talvez isso tenha acontecido exatamente porque Trotsky era contra o Proletkult.*

Mészáros: Não creio que a polícia secreta tenha feito essas considerações: era totalmente ignorante a este respeito. Ao passo que ser trotskista era ser o representante do diabo na Terra.

N. Rodrigues: *Havia, é óbvio, uma grande oposição às idéias de Lukács. Nessa situação, ele estava só ou existiam pessoas que o acompanhavam em suas posições?*

Mészáros: Ele estava muito isolado naquele tempo. Somente duas ou três pessoas é que mantinham relações com ele. Nesse contexto, há um caso interessante, que é o József Szigeti, primeiro assistente de Lukács. Era um homem cerca de dez anos mais velho do que eu. Em 1951 também atacou Lukács, só que ninguém havia solicitado que ele fizesse “autocrítica”. Mas ele tinha medo...

Chasin: *Medo e, de certo, oportunismo...*

Mészáros: Sim, exatamente, as duas coisas. Veja só, no período 1945/50, Lukács o tinha ajudado de todas as formas e, em 51, Szigeti... Lukács dizia, sem cerimônia, que Szigeti, tinha “se borrado nas calças”.

Chasin: *Como era Lukács como professor?*

Mészáros: Era formidável. Agora, em 1951, o boicote foi tão forte que todos os livros de Lukács foram retirados da biblioteca. Para ilustrar seu bom humor, vou narrar um acontecimento de 1954/55, quando Lukács teve uma enfermidade. Foi

¹⁰ József Szigeti (1921), filósofo húngaro e ex-aluno de Lukács.

ao hospital, fez alguns exames e radiografias. Um famoso professor de medicina, ao examinar a radiografia, exclamou: “O Sr. tem uma doença muito rara, ligamento do estômago e intestino, que nem figura nos livros de medicina”. Quando Lukács foi operado, este mesmo professor avisou que a cirurgia seria assistida por seus alunos. Lukács, com muita finura, comentou: “Finalmente me tornei matéria de ensino universitário!”.

Chasin: *Essa anedota...*

Mészáros: É verdadeira.

Chasin: *Sim, é claro, mostra muito a sinceridade com que Lukács suportava todas essas pressões. Ele tinha consciência real, plena, da sua importância intelectual, no marxismo, na política ou, dadas essas pressões, ele perdia um pouco a idéia dessa grandeza?*

Mészáros: Como filósofo, sempre. Inteiramente consciente. Ademais, em 1949/51, não era a primeira vez que ele participava de conflitos políticos. Os ataques a ele vinham desde os anos 20 e, assim, já estava habituado a eles. Ilustro isso de outro modo: ao ter de fugir do território alemão, quando Hitler tomou o poder, e só o fez quando havia se tornado perigosíssimo permanecer lá, na clandestinidade, foi para a Rússia. Béla Kun e outros, que eram poderosos no Comintern e estavam em oposição a ele, queriam eliminá-lo, não fisicamente, mas do círculo intelectual e político, negando-lhe toda a possibilidade de ajuda financeira, sonogando-lhe possibilidade de receber os cupons de racionamento. Aí ele disse a Kun, com atitude firme e calma: “Se você fizer isso, eu me ponho diante da entrada do Comintern, me sento na escadaria, faço um piquete individual e explico a todos os políticos e intelectuais que vêm do Oeste porque estou fazendo isso”. Assim, ele ameaçava expor, publicamente, a hostilidade que Béla Kun desenvolvia contra ele. Kun percebeu que Lukács estava falando sério, e naquele momento Lukács já era um nome internacionalmente conhecido. E, sim, ele passou a receber o necessário para manter sua família, já que a única atividade que conhecia era a de escritor.

Chasin: *A fase de [19]49/51 está bastante caracterizada. Sabemos que, poucos anos depois, nos episódios de [19]56, Lukács viverá novamente experiências muito sérias e graves. Sem que eu faça nenhuma pergunta específica, gostaria que a sua narrativa se voltasse para o episódio de 56 e para a maneira como se deu a sua própria participação, que o levou a deixar a Hungria.*

Mészáros: No início de [19]51, já era seu assistente e o fui até 56, quando deixei a Hungria. Tinha um relacionamento muito estreito com ele e com sua família. Neste período, podia entrar na sua casa na hora em que quisesse e tínhamos uma rígida disciplina de trabalho em comum. Participávamos de várias atividades em conjunto, não somente na universidade, mas também na Associação de Escritores. Escrevi um livro sobre este período, intitulado *A revolta dos intelectuais na Hungria*, publicado pela

Einaudi. O debate na universidade, entre os intelectuais, era muito limitado, praticamente não existia. O contrário ocorria na Associação de Escritores. Por exemplo, Tibor Déry¹¹ era um famoso escritor húngaro, muito meu amigo e de Lukács, e era atacado, naturalmente, por Révai e outros. Havia um grande debate entre eles, e Lukács se solidarizou com Déry. Escrevi um longo ensaio sobre isto. Por meses e meses meu ensaio foi censurado, proibiram a sua publicação. Quando indagava sobre as razões que tinham levado a isto, a resposta era imediata: “Temos que publicar primeiro os artigos da *linha justa*!”. Este debate durou dois anos e Lukács participava regularmente da Associação. Mais tarde, em 55/56, participou do Círculo Pétöfi¹².

Vaisman: *Qual era o papel dessa Associação na elaboração da política cultural do Partido?*

Mészáros: Nenhum. Essa era uma responsabilidade da cúpula do Partido – o que era o caso de Révai. Era um intelectual que respeitava Lukács, mas que se distanciou dele em função de sua posição político-cultural e rompeu com ele em [19]56. Révai se tornou, infelizmente, um fanático stalinista.

Naquele período, de 24/10 a 4/11/56, passei o tempo todo na casa de Lukács. Um dia Révai telefonou, acusando-o por tudo o que havia ocorrido. Logicamente, depois disso, o relacionamento foi rompido. Em 59 Révai morreu em decorrência de um problema cardíaco.

A Associação de Escritores era muito dividida internamente: havia escritores como Déry, que mantinham uma linha muito diversa da oficial, e havia, de outro lado, os stalinistas, que eram terríveis. Um destes era o secretário do Partido na Associação, Tibor Mérai. Inicialmente, foi correspondente de imprensa do Partido na Guerra da Coreia – escreveu artigos sobre a guerra bacteriológica dos americanos. Em 1956 deixou a Hungria e passou a escrever artigos para demonstrar que não havia guerra bacteriológica na Coreia. Trata-se de uma mudança ideológico-política, em que se salta de um ponto a outro com grande facilidade. A função de Mérai, como secretário do Partido, era abafar, a qualquer custo, a onda de efervescência na Associação. Lembro-me de que, uma vez, numa conversa com o amigo István Eörsi – muito conhecido na Hungria, que era um pouco de tudo, inclusive tradutor, mais tarde foi preso –, [este] me contou que colocara, ao nível da Associação, a

¹¹ Tibor Déry (1984-1979), escritor húngaro que forneceu uma síntese original das tendências realistas e modernistas. Fez parte da insurreição popular de 1956 e foi condenado, em 1957, a seis anos de detenção. Foi libertado em 1960.

¹² O Círculo Pétöfi foi criado em março de 1956, por elementos da Liga dos Jovens Trabalhadores, como espaço institucional de inquietação intelectual e política. A partir de 15 de junho, sob a presidência de Lukács, ocorreu um debate filosófico em que foram abordados problemas concernentes à formação filosófica universitária e questões referentes à crítica literária. As conferências de Lukács neste debate constituem suas análises oficiais do stalinismo, e também uma primeira reflexão em torno da situação húngara posterior ao XX Congresso do PCUS. O Círculo era fundamentalmente dirigido por Tibor Déry, Julius Hay e Lukács.

necessidade de refletir de modo bastante típico: “Não há necessidade nenhuma de pensar, o Partido pensa por nós”. Anos depois, encontrei Mérai em Londres e ele negou que tivesse dito isso a Eörsi, que naquele período estava na prisão. Respondi que, entre a palavra dele e a de Eörsi, ficava com a deste, sem hesitação nenhuma, na medida em que aquela era uma posição típica de secretário de partido stalinista. Por exemplo, András Hegedüs¹³, que foi conhecido como crítico do regime depois de [19]56, era o primeiro-ministro de Rákosi¹⁴, o secretário do partido stalinista da Hungria. Rákosi apertava um botão e Hegedüs saltava. Eu mesmo participei de discussões com Hegedüs, na Associação. Ele era absolutamente terrível. Mais rígido e dogmático que ele, impossível.

Em [19]56 acreditávamos que poderia ocorrer um desenvolvimento positivo dentro do quadro de desestalinização, de liberação estabelecido depois do XX Congresso; promessas neste sentido existiam.

Ao mesmo tempo, havia uma grande polarização política entre Rákosi – que era um homem muito poderoso, com muitos contatos na União Soviética – e Imre Nagy¹⁵, que se tornou o primeiro-ministro, mas por pouco tempo. Exatamente neste período Lukács se tornou ministro da Cultura – de 24 de outubro a 4 de novembro.

Alguns meses depois da morte de Stalin, Nagy estava no poder, mas de modo puramente formal, pois o verdadeiro poder estava na cúpula do Partido. Rákosi controlava tudo e depois de seis meses estava tudo acabado. Nagy foi substituído pouco tempo depois, totalmente posto de lado, e o stalinismo, reconstituído. Ou seja, um stalinista duríssimo foi encarregado de fazer a desestalinização e todos os velhos stalinistas permaneceram nos postos. Que desestalinização é esta? Toda a efervescência na Associação de Escritores tinha como objetivo a verdadeira desestalinização.

Vaisman: *Além da Associação de Escritores, havia outros setores que pressionavam no sentido da desestalinização?*

Mészáros: Dois eram os principais: a Associação de Escritores e o Círculo Pétöfi. Havia outros, como a Associação de Artistas, mas a mais articulada era a

¹³ *András Hegedüs* (1922), político comunista e sociólogo. Em 1955 foi primeiro-ministro, como partidário de Rákosi. Foi substituído durante a insurreição popular de 1956. Anos mais tarde se tornaria figura destacada da dissidência húngara.

¹⁴ *Mátyás Rákosi* (1892-1971). Na República dos Conselhos, foi vice-comissário do Povo. Em 1925 foi preso e condenado, permanecendo no cárcere até 1940, quando teve sua pena relaxada e foi enviado à União Soviética. Em 1945 voltou à Hungria, como chefe do Partido Comunista, do qual foi secretário até o final de 1956. Foi o principal representante do stalinismo na Hungria. Destituído em 1956, foi confinado na União Soviética.

¹⁵ *Imre Nagy* (1896-1958). Especialista em assuntos agrários, ingressou no Partido Comunista na União Soviética, onde era prisioneiro de guerra. De 1921 a 28 exerceu trabalho político clandestino na Hungria. De 1929 a 44 ficou exilado na União Soviética. Depois de 1944 foi ministro de vários governos e primeiro-ministro em 1953. Em função de sua tomada de posição contra Rákosi, em 1955, foi destituído por “desvio de direita” e expulso do Partido. Em 1956, durante a insurreição popular, tornou-se novamente primeiro-ministro, sendo depois deportado para a Romênia, onde foi executado em 1958.

Associação de Escritores. A literatura na Hungria, por tradição, sempre foi muito politizada, talvez, em função da ausência de um pensamento político enquanto tal. Os problemas políticos e as contradições da sociedade acabaram por ficar na mão dos escritores. Assim, a Associação de Escritores acabou tornando-se a porta-voz, na medida em que não havia nenhuma outra forma de crítica, inclusive no meio operário. Os escritores eram os articuladores da tensão, iam às fábricas, às pequenas cidades, e assim por diante.

Agora, Rákosi, em certo sentido, “permitiu” tudo isso, pois sem esta permissão do Partido essas coisas seriam inconcebíveis. Rákosi, com o maior cinismo, dizia: “Deixemo-los falar e, quando falarem, cortaremos suas cabeças!”. A intenção era sempre procurar uma linha de acusação contra o intelectual.

A última reunião do Círculo Pétöfi teve a presença de 5 ou 6 mil pessoas, com alto-falantes instalados do lado de fora do prédio. Foi a última porque a que estava marcada para o dia 24 de outubro não seria realizada. Do meu ponto de vista, pessoal, este seria um acontecimento muito importante. Havia publicado um ensaio na revista *Új Hang* sobre o problema nacional e a arte, onde ataquei a posição de Stalin no plano teórico, denunciando o seu idealismo e seu voluntarismo. Naquela época só se falava em culto à personalidade quando se referia a Stalin. Lembro-me que Zoltán Kodály¹⁶, um grande músico nacionalista, telefonou para congratular-me e assim se originou o debate sobre a questão nacional, que seria no dia 24. Os debatedores seriam Kodály e eu. Lukács deu uma entrevista sobre isso, comentou o meu ensaio e também se referiu ao debate que estava marcado (isto está registrado na *Szabad Nép* de 14 de outubro de 1956 e na edição alemã de Lichtheim – G. Lukács, *Shriften zur Ideologie und Politik*).

No dia 23 de outubro houve uma manifestação enorme, com centenas de milhares de pessoas nas ruas de Budapeste. Eu estava com um grupo de intelectuais da universidade e comentávamos que ninguém iria à reunião marcada para o dia seguinte. De fato, na noite do dia 23, houve a intervenção soviética. E quem foi responsável pela intervenção? András Hegedüs.

I. Tonet: *Você foi membro do Partido húngaro?*

Mészáros: Sim. Em 1951, com a recomendação de Lukács, e por uma razão óbvia: os debates sérios sobre política cultural não se davam apenas na Associação de Escritores. E, se alguém quisesse contribuir para o desenvolvimento do debate destes temas, não tinha alternativa naquele tempo. A única possibilidade de debate e influência era no seio do próprio Partido.

Rodrigues: *Qual foi o sentido da Associação de Escritores depois de 56?*

¹⁶ Zoltán Kodály (1882-1967), compositor, cultor da música popular e da pedagogia musical.

Mészáros: Naturalmente, ela foi abolida. Anos mais tarde foi reconstruída, existe agora, mas é algo bastante diferente.

Berriel: *A sua entrada no Partido foi alguma coisa muito pensada, muito meditada...*

Mészáros: Sim. Houve uma discussão sobre isso com Lukács e foi ele que, em parte, persuadiu-me. Esta era justamente sua posição: o único meio de intervir de modo eficaz e positivo era através da mediação do Partido.

Berriel: *E também tinha muito claras as limitações...*

Mészáros: Sim. As limitações existiam, mas eram flexíveis também. Por exemplo, na organização do Partido, dentro da Associação de Escritores, havia uma discussão feroz. Então, por vezes, compareciam membros do Politburo para controlar a discussão. No tempo de Rákosi, recordo-me de que Béla Szalai, um homem muito ignorante, veio à reunião. Todas as palavras que dizíamos eram estenografadas, pois não existiam gravadores. Para tanto, duas ou três estenógrafas do parlamento estavam presentes. Tudo era anotado, inclusive todos os apartes que eram feitos. Não tive dúvidas, ataquei Béla Szalai de cara. Eu lhe disse o que pensava e imediatamente lhe ofereci meu resumo por escrito do que havia dito. Lukács também lhe dirigiu palavras duras e outros presentes também. Isso demonstra que os limites eram flexíveis. Outro exemplo: uma vez encontrei, numa reunião pública, o secretário do Partido do Grande Budapeste, que era um homem muito poderoso. Eu não o conhecia, pois nunca o havia visto em toda a vida. Ele chegou junto de mim, ameaçou-me dizendo que tinha ouvido minha intervenção com muita atenção e que, se eu não tomasse cuidado com o que dizia, poderia ser preso. Diante disso, virei-me e disse: “Este é o seu privilégio, você pode prender-me quando quiser, mas o meu dever e o meu privilégio é dizer o que devo dizer, e eu direi sempre”. Isso foi em 1956.

Para concluir, quais eram as possibilidades de atuação? Não, não é como a propaganda hostil refere, como se todos que estavam dentro fossem escravos. Não é verdade.

Chasin: *Apesar destas possibilidades, no entanto, este tipo de ação tem se demonstrado, historicamente, muito pouco produtivo para modificar as estruturas do partido de tipo stalinista. Esta concepção de trabalho e modificação por dentro...*

Mészáros: A nossa concepção era determinada pelo modo como as coisas aconteciam na época e era determinada também por uma aspiração genuinamente socialista. Nós não dissemos em nenhum momento a Béla Szalai que queríamos restaurar o capitalismo, e sim que poderíamos até nos tornar bons amigos e construir o socialismo. Isto, naturalmente, depois de [19]56 acabou. Este tipo de estratégia tornou-se impossível depois.

Chasin: *Sim, mas o que estou questionando não o faço somente para a Hungria, mas para todos os partidos stalinistas. O trabalho de modificar por meio do trabalho interno não é ilusório?*

Mészáros: O problema era bastante diferente no Leste, em comparação a países como a Itália, França, onde não há o exercício do poder de estado por parte do Partido, e, em princípio, seria possível uma democratização das estruturas. Togliatti o queria sinceramente. No plano teórico isto era possível, mas praticamente havia uma série de complicações...

Chasin: *Mas, hoje, essas possibilidades...*

Mészáros: Não se realizaram...

Chasin: *Neste sentido, no que tange às questões relativas ao Partido, li em algum lugar que Lukács pertenceu a uma comissão do Partido húngaro, do Comitê Central, em [19]56, que teria o objetivo de estudar as transformações do Partido. Isso é verdade?*

Mészáros: Não, não é verdade. É uma lenda completamente fictícia.

Chasin: *O que li foi que Lukács fora nomeado para a referida comissão cerca de dois ou três dias antes da intervenção soviética.*

Mészáros: Qual delas? Houve duas intervenções. A primeira, quando Imre Nagy foi reconduzido ao poder. Quando Rákosi foi deposto por Mikoian em outubro, Ernő Gero¹⁷ era o secretário do Partido; e a elevação de Nagy como primeiro-ministro, em lugar de Hegedüs. Mikoian chegou novamente a Budapeste e, ordenou, então, a mudança, e Nagy formou um novo governo, onde Lukács aceitou o papel de ministro da Cultura, deixando claro que só aceitava em função da situação de emergência. Depois que tudo terminasse pretendia voltar a escrever, pois estava muito ansioso para elaborar a sua *Estética*, a *Ontologia* e assim por diante. Mas houve outra intervenção, no dia 4 de novembro, que acabou com tudo.

É verdade, no período de 23/24 de outubro até 4 de novembro, houve uma discussão entre um pequeno grupo, no sentido de estabelecer quais seriam as mudanças necessárias. Além de Lukács, fazia parte deste grupo Zoltán Szántó¹⁸, um velho amigo dele. No tempo da ruptura com a Iugoslávia, era o embaixador em Belgrado. Na época foi considerado comprometido com o titoísmo. Sua sorte foi que era marido da irmã de Révai e por isso não foi preso, mas simplesmente posto de lado. Bem, naquele período, Szántó, Lukács, o próprio Nagy e Kádár¹⁹ estavam pensando sobre as possibilidades quanto a mudanças no Partido, bem como sobre

¹⁷ *Ernő Guerö* (1898-1980). Pertenceu ao grupo dirigente durante o período de Rákosi e foi secretário do Partido de julho a outubro de 1956.

¹⁸ *Zoltán Szántó* (1893-1977), fundador do Partido Comunista Húngaro. Emigrou para Viena em 1920, onde ficou até 1926. De 1926 a 1935 esteve preso na Hungria e depois emigrou novamente, desta vez para Tchecoslováquia e União Soviética. Em 1945 retornou à Hungria e em 1956 possuiu um alto cargo no Partido.

¹⁹ *János Kádár* (1912[-1989]) em 1949 pertenceu ao grupo dirigente do Partido Comunista. Foi, ainda, ministro do Interior. Em 1951 foi preso, e em 1954, reabilitado. No período da insurreição se tornou secretário do Partido Operário Socialista Húngaro (Posh) e, ao fim da insurreição, também chefe do governo.

outras questões, como o Pacto de Varsóvia. Szántóm e Lukács se opunham à posição de romper com o Pacto, ao passo que Nagy, Kádár e outros eram a favor. Depois da deportação, quando foi permitido a Lukács regressar a Budapeste, ao se renovar a pressão do Partido, Lukács, ainda desta vez, pôde dizer a Kádár: “você votou pelo rompimento com o Pacto de Varsóvia, e eu contra”. A posição de Lukács sempre foi mais apropriada, nos momentos agudos, do que a reação passional de outras pessoas. Em certo sentido, isso explica como pôde manter a notoriedade política e intelectual ao mesmo tempo em que agia e combatia.

Chasin: *A opinião de Lukács sobre Nagy não era nada favorável...*

Mészáros: Nagy, teoricamente, não tinha uma boa formação. Não era desconhecida a posição que Lukács tinha em relação a ele. Tanto é assim que, deportado para a Romênia, no interrogatório à polícia política, queriam que ele fizesse uma declaração contra Nagy, e Lukács respondeu firmemente: “a minha opinião sobre Nagy é muito clara, contudo, contra um companheiro de prisão não posso declarar nada. Deixem Imre Nagy e todos os outros voltarem para Budapeste e direi, publicamente, o que penso dele”.

Chasin: *Gostaria, agora, que iniciasse uma avaliação a respeito da obra de Lukács. Poderíamos começar pela Estética. Na sua opinião, qual o significado desta obra? Há alguma objeção que deva ser feita a ela?*

Mészáros: Penso que é uma obra muito importante. Mas lamentavelmente negligenciada pelo público, em parte pelo fato de ser um trabalho enorme e para ser lido... Foi traduzida para o português?

Chasin: *Não.*

Mészáros: Em alemão, quantas pessoas podem ter acesso a ela?

Chasin: *Há uma tradução espanhola.*

Mészáros: Há muitos intelectuais que a lêem?

Chasin: *Bem, o livro circulou bastante no Brasil. Era possível adquiri-lo com facilidade. Atualmente, não há outra restrição do que o seu preço elevado... Porém, a sua leitura efetiva, no Brasil, é bastante restrita. Tal limitação tem outro caráter.*

Mészáros: Bem, antes de tudo, é preciso fazer uma consideração que, do meu ponto de vista, é muito importante. Devido às circunstâncias desfavoráveis em que viveu, Lukács não pôde, na maioria das vezes, empreender o tipo de trabalho que desejava fazer. Sobre este assunto tive várias discussões com ele em fins de [19]51. Sempre cercado por adversidades para escrever semelhante tipo de obra, ele reagiu dando respostas que eu não achava plenamente satisfatórias. Constituíam uma espécie de teorização de uma circunstância política e intelectual, uma espécie de racionalização ideológica. Ele dizia que era muito impaciente, que naquele momento

histórico não era possível fazer uma obra de síntese. Em certo sentido, é essa a tragédia de Lukács, na medida em que ele é o pensador mais global, mais sintetizante do século. Isso pode ser constatado, em termos potenciais, claramente em *História e consciência de classe*. Assim, teorizava a impossibilidade de se escrever uma ética, pois não se pode escrever uma ética sem se referir agudamente à política. Como se pode elaborar uma ética, tratar do problema dos valores, de conflitos e contradições humanas sem colocar o dedo na política? É impossível. Agora, isso se transformou numa espécie de autolimitação, ou, se vocês quiserem, numa racionalização das circunstâncias, estabelecendo que as condições não haviam amadurecido e a única coisa possível eram trabalhos monográficos, voltados a aspectos mais restritos. Desse modo, para ele, a síntese deixara de ser uma necessidade fundamental. Ele começara com uma promessa de síntese monumental, que é a análise sobre a reificação. Apesar disso, a síntese permanece, mas como capítulo, como parte de uma obra monográfica mediadora. Cito, por exemplo, elementos dessa síntese no *Jovem Hegel*, e depois, naturalmente, nas duas últimas obras: na *Estética* e na *Ontologia*. Mas nessa síntese certas dimensões da totalidade são cortadas.

Em Marx, todo microcosmo é macrocosmo, daí a extraordinária abertura de sua obra. O fato de ser uma obra inacabada não importa, tanto melhor, pois os caminhos abertos são tantos, mas com todas as direções claramente indicadas. Sempre as dimensões das universalidades entram em qualquer coisa que escreve. Lukács sempre dizia, com modéstia, que Marx era uma coisa muito diferente dele. Sim, isso é verdade, Marx foi um gênio extraordinário, não é possível negar esta dimensão. Mas, em certo sentido, este era um argumento de defesa, para não ter de fazer certas coisas. Ele me dizia: “Marx e Hegel são outra coisa, talvez eu possa ser um Lessing”. Mas não é verdade, há qualquer coisa de Hegel e Marx em Lukács. Lessing vivia em outras circunstâncias, pois realmente aí as condições para a síntese eram problemáticas, mas mesmo assim estavam presentes. Mais tarde, Lukács, ele mesmo, se “desdisse” com a *Estética*, a *Ontologia*, quando as circunstâncias começaram a se alterar.

Neste sentido, *rejeito* totalmente a acusação de que Lukács foi um stalinista. Muitos assim o acusam, mas isto é um ato de profunda hostilidade e ignorância.

Lukács tinha a convicção de que havia a necessidade de se encontrarem mediações para certos tipos de problemas que não podiam ser encarados diretamente. As mediações seriam, justamente, as formas encontradas para encarar estas questões. Assim, Lukács tinha de mediar tudo, todos os problemas da vida social e as circunstâncias de âmbito político-intelectual. Ele adorava dizer que tinha de escrever numa linguagem *esópica*.

Para mim há, em Lukács, uma combinação de razões exteriores e interiores que explicam essa posição. Exteriores, no sentido das pressões exercidas pelas circunstâncias políticas, que depois se interiorizam e são racionalizadas. Ou seja, deve-se encarar Lukács por aquilo que ele julgava que eram seus limites e as circunstâncias da época. De maneira que a crítica seja interna, simpática, não uma crítica hostil, apriorística, do tipo daquela feita por Merleau-Ponty, ou ainda a de outros frente à obra lukacsiana. Porque é só uma questão de talento, que Lukács tinha de sobra.

É preciso entender as circunstâncias em que ele trabalhou. E, *mamma mia!* Quando li o ataque de Adorno... Foi publicado na Alemanha Ocidental, no *Der Monat*. Que era o periódico da CIA [Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos], e foi rapidamente reproduzido em órgãos da CIA de outros países, como na França (*Preuves*), Inglaterra (*Encounter*) etc. Tratava-se de um ataque feito de uma situação absolutamente segura, sem correr nenhum risco, contra um homem que se encontrava em perigo, na prisão, submetido a um ataque maciço. Falta a Adorno um enfrentamento mais crítico com a realidade. Em seus escritos transparece, claramente, a ausência de dimensões fundamentais da realidade, por isso é aforístico e extremamente limitado. Não quero, dessa forma, negar-lhe méritos, mas a verdade é que Lukács vivia em condições objetivas bastante diferentes. E não escrevia seus artigos em órgãos oficiais da GPU, da KGB, ou quaisquer outros equivalentes aos da CIA.

A posição de Merleau-Ponty, por outro lado, é uma violentação que aparece em *As aventuras da dialética*, em que constrói um mito sobre História e consciência de classe, para daí poder rejeitar toda a obra da maturidade de Lukács.

Tentei, anos mais tarde, discutir com Merleau-Ponty o que ele havia escrito, interrogando o porquê daquele juízo acerca da obra madura de Lukács. Tentei uma discussão positiva e informada sobre o assunto. Só constatei a sua total ignorância sobre a obra lukacsiana. Não sabia nada e nem queria saber. Na verdade, sua posição não é nada mais do que um desses preconceitos pré-fabricados, que servem para construir uma mitologia a partir de uma posição abandonada por Lukács e que era impossível de ser mantida. No fim, Merleau-Ponty desembocou num tal misticismo, que se revela em sua última obra.

Voltando à problemática sobre Lukács. Ele interiorizava sinceramente a pressão das contradições do ambiente intelectual, cultural e político. No entanto, essa interiorização era problemática, e se exprimia da seguinte forma: “não vivemos no período da síntese, as condições necessárias de preparação não existem”. Dizia, por exemplo, que não existia uma psicologia que servisse de base para uma estética sintetizada. A única disponível era a de Pavlov – que, vocês sabem, foi incorporada na *Estética* com modificações...

Chasin: *O que é um grande problema...*

Mészáros: Um problema gravíssimo! Mas o que fazer? Em relação à questão da psicologia como preparação da estética – como eu escrevi a propósito de Engels –: muito obrigado! Eu não quero que a psicologia prepare a minha posição sobre a estética. Esta é uma tarefa para o filósofo, não para Pavlov ou qualquer outro.

Diante daquela fórmula, nada em substância poderia ser feito. Ora, isso redundaria na racionalização de uma posição de imobilidade. Daí a seqüência de interrupções dos projetos, que foram abandonados. A *Ontologia*, por exemplo, não era entendida como uma ontologia, ela começou a ser escrita como uma ética. Aí, de novo, emergiram problemas bastante abstratos. A problemática da ética em sua relação orgânica com a política não podia ser explorada, e isso teve conseqüências muito sérias em relação à *Estética*. O problemático nela é que não é só uma estética, ela é tudo. É, no mínimo, [mais] uma ética inconclusa do que uma estética. Neste contexto, o da estética, a ética pode ser tratada legítima e intelectualmente, mas se deixa de fora a sua conexão direta com a política, coisa que o tratamento sistemático da ética requer.

A *Ontologia*, eu a considero uma obra da máxima importância. É preciso estudá-la, inclusive porque é uma obra ignorada e negligenciada, em parte em função da preguiça mental dos intelectuais. Hoje, os intelectuais, não lêem tanto quanto é necessário. Recordo-me de que, ao chegar à Inglaterra, meus colegas manifestavam uma estranha hostilidade para com Hegel. Referiam-se a ele como a um metafísico absurdo, um louco. Leram, na verdade, não Hegel para concluir isso, mas as tolices da história da filosofia de Bertrand Russell e outros do mesmo gênero. No caso de Lukács, a resistência contra a obra posterior a *História e consciência de classe* é também intelectual.

Lucien Goldmann, por exemplo, que era um grande amigo meu, fez muito pela obra de Lukács, pela sua divulgação na França. Desempenhou um papel notável na difusão do marxismo, e isso em circunstâncias extremamente difíceis. Mas, ao mesmo tempo, o seu conhecimento sobre a obra lukacsiana posterior a *História e consciência de classe* era praticamente nulo.

Para voltar a Merleau-Ponty, a posição dele era diferente, odiava Lukács do começo ao fim, e essa era uma posição claramente assumida. Nutria, ao mesmo tempo, como Raymond Aron, grande simpatia por Max Weber, exatamente para se pôr na ordem do dia do debate na França, porque na época o mito era Weber. O valor intelectual de *Aventuras da dialética* de Merleau-Ponty, na minha opinião, é nulo, e isso principalmente pela sua total ignorância da obra de Lukács.

Rodrigues: *Há certa incorporação de concepções trotskistas em Merleau-Ponty, não é mesmo?*

Mészáros: Sim, é verdade. Quando o livro de Merleau-Ponty se tornou a sensação do momento, em 1955, houve toda uma polêmica em torno, e o próprio Partido Comunista Francês tomou a iniciativa de uma defesa de Lukács. Agora, pergunto: com amigos como estes, quem precisa de inimigos? Mas as motivações últimas de Merleau-Ponty eram políticas – mas de cunho trotskizantes e não exatamente trotskistas – e não tinham cunho intelectual sério. Não fazia uma discussão interessada na verdade, e sim uma problematização revestida de aspectos intelectuais, que procuravam apoiar, fortalecer pontos de vista políticos. Para mim, uma discussão verdadeiramente intelectual deve buscar a verdade intensamente, e Merleau-Ponty não fazia isto. A condição mínima para chegar à verdade é ter a consciência total sobre o argumento utilizado.

Chasin: *Gostaria, agora, que você falasse um pouco do seu próprio itinerário intelectual.*

Mészáros: Acho que os livros que escrevi são conhecidos por vocês. O primeiro foi escrito na Hungria, *Sátira e realidade*: contribuição para a teoria da sátira, publicado em 1955, e foi minha tese de doutorado. Depois disso, publiquei, na Itália, dois livros. Um deles é aquele que já mencionei, *A revolta dos intelectuais na Hungria*, e o outro *Atilla József e a arte moderna*. József foi um dos maiores poetas do nosso tempo e é bastante conhecido na Europa, sobretudo na França, Itália e Inglaterra. Não sei se aqui ele é conhecido. Além de poeta, era um grande intelectual e suicidou-se em 1936 em total isolamento, perseguido também pelo Partido, foi vítima do sectarismo daquele tempo. Depois disso publiquei *A teoria da alienação em Marx*, em seguida *A necessidade do controle social*, *O conceito de dialética em Lukács* e *A obra de Sartre*. Editei e fiz a introdução para o volume de um pensador filipino muito importante, Renato Constantino, um dos principais líderes intelectuais da oposição nas Filipinas, que provavelmente não é conhecido aqui. O título é *Identidade neocolonial e contra-consciência*.

Três livros ainda estão em fase de preparação e deverão ser publicados nos próximos anos. O primeiro, *Ideologia e ciência social*, o segundo *Dialética da base e da superestrutura*, e o terceiro, para o qual tenho dirigido mais o meu empenho, é um conjunto dos estudos reunidos sob o título de *Para além do capital*. Dele há uma parte publicada na Itália em *Problemi del socialismo* (1982) e a conferência que proferi ontem²⁰ também fará parte da coletânea. O primeiro volume será publicado aproximadamente no início de 1986, o título é *Contribuição para uma teoria da transição* e a temática é a *ofensiva socialista*. O segundo volume terá o título de *O estado na sociedade pós-capitalista* e já está bem avançado, será publicado no final de [19]86. O terceiro volume tratará de

²⁰ A conferência, que ocorreu no I Seminário de Filosofia do Nordeste, realizado em João Pessoa entre 13 e 16 de outubro de 1983, intitulou-se Política radical e transição para o socialismo: reflexões sobre o centenário de Marx. Traduzida por Ester Vaisman e J. Chasin, foi publicada na Revista Nova Escrita Ensaio n. 11/12, edição especial em homenagem ao centenário de Marx, e republicada no livro Marx Hoje. 2. ed. São Paulo: Ed. Ensaio, 1998.

problemas gerais, mais teóricos, e terá o título de *Condições da transformação socialista*; implicará um trabalho de muitos anos ainda.

Chasin: *Na obra sobre a transição, suponho que haja toda uma crítica às transições limitadas ocorridas. Neste sentido, poderíamos ter uma síntese das idéias críticas a respeito?*

Mészáros: Há a necessidade de uma formulação geral para os problemas da transição, pois há muitos estudos particulares, mas nenhum *approach* geral. Por isso acho importantíssimo apontar para problemas conceituais fundamentais, por exemplo, a distinção entre *capital* e *capitalismo*. Esta distinção está no espírito original de Marx e “miraculosamente” desapareceu. As teorizações sobre o socialismo baseiam-se em Engels apenas, e é preciso restabelecer o espírito original da orientação de Marx, pois há vários problemas que precisam ser levados em consideração, por exemplo, as *sociedades pós-capitalistas*.

Há por aí uma teoria bastante difundida, que pretende identificar os países do Leste, a União Soviética, ao capitalismo, e para mim isto é um erro terrível, porque, com a base nesta identificação, deixa-se de perceber aquilo que eles são na verdade. Prossegue-se na fantasia e, por falta de diferenciação, a realidade não aparece. Desse modo, não se percebem as tendências para a mudança, perde-se a dinâmica global e se cai na inércia, na impotência, pois, se tudo é dominado pelo capitalismo, não há nada que possa ser feito. Veja, eu sei que existem muitas tendências dentro desta perspectiva, aqui estou retendo apenas os aspectos fundamentais.

Um dos capítulos do primeiro volume do *Para além do capital* chama-se “Formas variáveis do domínio do capital”. E é assim que se devem diferenciar as características do capital e as formas capitalistas em suas variantes, bem como a sobrevivência dos aspectos do poder do capital nas sociedades do Leste.

No projeto original de Marx, o socialismo só poderia ser realizado se se tivesse em vista *ir para além do capital*. Por isso, é preciso identificar, nas sociedades atualmente existentes, onde o poder do capital permanece. Nos países do Leste isso se verifica, em parte em função das relações que eles mantêm com o mundo capitalista, em parte pela própria dinâmica interna destes países.

É mais do que necessária uma crítica às teorias que existem neste campo, que vão desde um tipo de trotskismo (a noção, por exemplo, de capitalismo de estado) àquilo que constitui a posição de [Immanuel] Wallerstein e assim por diante. De qualquer forma, há uma posição impossível de ser sustentada teoricamente, qual seja, a de que o capitalismo domina tudo, gerando toda uma perspectiva pessimista.

Lessa: *Haveria, então, um terceiro tipo de sociedade, na medida em que não é nem socialista, nem capitalista?*

Mészáros: Não é socialismo o que existe. São sociedades pós-capitalistas, pois permaneceram sob o domínio do capital, poder que não desaparece de um dia para o outro. A concepção que formula o socialismo unicamente como uma tomada de poder do estado não enfrenta este problema devidamente, na medida em que, depois da tomada de poder, a divisão do trabalho permanece como antes, as fábricas permanecem as mesmas, a posição dos operários também e assim por diante. Dado que essas coisas permanecem, surge toda uma série de desvios, perpetrados por uma burocracia. Assim, torna-se necessário distinguir uma posição política que coloca a derrubada do capitalismo e outra que coloca a necessidade da superação do capital. Abolir a propriedade privada, por meio de uma revolução política socialista, não abate o *poder do capital*, mas quebra o capitalismo.

Li na **ENSAIO**, na coletânea *Marx, hoje*, um artigo de F. Fernandes, no qual o meu livro sobre Marx é referido e há um engano, exatamente na p. 145. Não estou em desacordo com ele, mas nota-se que, talvez, a tradução do meu livro não esteja precisa. Porque o que eu digo, no meu texto, é que o problema não pode ser formulado simplesmente como a conquista do poder. A conquista do poder é só o *início* do processo de superação do capital. Não vou dizer, obviamente, que não é necessário, é mais do que necessário! É o primeiro passo! O primeiro passo encarando os grandes problemas do domínio do capital, que permanece na sociedade como estrutura objetiva, que não é diretamente modificável por decretos políticos, leis, mas é um complexo processo de reestruturação. Neste sentido, estou provavelmente de acordo com F. Fernandes.

Hoje, o que se coloca é a necessidade de enfrentar tais impasses. O que é materialmente possível, pela modificação das formas de controle do capital, transferindo-as para o corpo social, ora, se isto for possível, ele se torna coletivo, pois conduzido pelo corpo social.

Chasin: *No meu artigo, na mesma coletânea, para determinar a forma do capital que rege as sociedades pós-capitalistas do Leste, empreguei a expressão capital coletivo/não social...*

Mészáros: É... é uma ótima forma...o capital se torna coletivo, mas se opõe, pela sua própria natureza, a se tornar social.

Chasin: *Compus a expressão a partir do que Marx diz no Manifesto, na Parte II.*

Mészáros: Sim, no sentido metafórico. A absorção do capital pela sociedade inteira, mas aí ele não será mais capital...

S. Lessa: *Se nós assumimos que o resultado da Revolução Russa não é a construção socialista, como você vê a evolução do movimento comunista internacional neste século [XX], especialmente a Segunda Internacional?*

Mészáros: Não vejo nada de positivo na Segunda Internacional. Era um movimento essencialmente oportunista e não há nele nenhuma relevância política para a atualidade.

Em relação ao futuro, os desenvolvimentos necessários devem ser concebidos em termos de dinâmica objetiva global. As expectativas não podem ser simplesmente formuladas no *aqui e agora*, isto é, um voluntarismo e um subjetivismo teóricos que esperam por mudanças que não podem ser objetivamente realizáveis. Em relação a isso, de um lado, põem-se as soluções de tipo stalinista, que refere o socialismo como já atingido e o problema, agora, só seria o de quando se tornará plenamente comunista. Aí, então, não haverá mais dinheiro, todas as pessoas terão suas necessidades satisfeitas e “um quarto para dormir”. É uma ilusão pensar que, vencendo a revolução socialista *política*, os resultados aparecerão instantaneamente. Isso é um absurdo paralisante!

De outro lado, observa-se a mesma paralisia, ao não serem reconhecidas as determinações recíprocas, globais, que tornam muito difícil a produção de resultados positivos em campos isolados: é a questão do socialismo num só país (que é tratada num capítulo do primeiro volume do conjunto que estou elaborando), que precisa ser tratada num sentido amplo, sem o preconceito, essencialmente político, da autojustificação.

Chasin: *Qual é o propósito de seu livro sobre Sartre?*

Mészáros: Para mim, Sartre é uma das figuras intelectuais mais importantes do século XX. No entanto, está na moda dizer que Sartre está morto. O tempo de Sartre voltará ainda, porque nele há uma mensagem muito importante: a liberdade, que, no entanto, colocada em termos individuais é um mito. A liberdade é uma problemática essencial da realidade e, portanto, ela é a razão de ser do socialismo. O socialismo sem liberdade é uma contradição nos termos. Mas aí a liberdade assume o sentido mais real e total da palavra. E não o sentido negativo de se poder *fazer qualquer coisa formalmente*, de protestar para se fazer ouvir, e assim por diante. No livro *A necessidade do controle social*, cito o caso de um alemão que, em [19]56, deixou a Alemanha Oriental, onde, enquanto isso foi possível, ele fazia sátiras políticas sobre as contradições da sociedade. Foi para a Alemanha Ocidental e acabou no mesmo tipo de atividade. Um jornalista do *Der Spiegel* o entrevistou, pedindo para ele apontar a diferença fundamental entre o mundo do ocidente e o do Leste, no que dizia respeito ao seu trabalho. O jornalista esperava que ele dissesse que o mundo ocidental era maravilhoso e, em vez disso, ele respondeu de forma espirituosa, revelando, no entanto, uma verdade profunda: “no Leste, é suposto que você pode mudar o mundo, mas não se pode dizer nada; no ocidente, você pode dizer tudo, mas não pode mudar em nada o mundo”.

No meu livro sobre Sartre quero, pois, falar da liberdade no sentido real da palavra, e não no sentido formal ou de autocomplacência. É óbvio, é essencial a defesa da liberdade civil, mas isso, por si só, não responde ao espírito da liberdade proposta pelo socialismo, que é autorrealização plena da personalidade humana.

Neste sentido, há qualquer coisa de “fanático” em Sartre ao sustentar tal coisa, num período em que as forças sociais procuram diminuir este objetivo e a realidade da liberdade.

No meu livro sobre Sartre há, obviamente, uma crítica a ele, pois foi escrito no espírito da relação entre Sartre e o marxismo. Mas, pelo fato de este homem propor, com um “*fanatismo*” inoprimível, este tema tão importante para a humanidade é que estou convicto de que o tempo de Sartre retornará, não obstante os modismos dos intelectuais.

Chasin: *A luta pela liberdade repõe a questão das lutas operárias, do socialismo e do resgate do marxismo, não é mesmo?*

Mészáros: A atualidade histórica da ofensiva socialista é parte integrante fundamental do processo de renovação do marxismo. Notemos, por exemplo, que o caso da organização da classe operária italiana, tanto nos sindicatos quanto no Partido, é essencialmente *defensivo*. A ligação deste movimento com a sociedade civil e com o mundo da política propriamente dita, a política formal, parlamentar, reflete necessariamente esse seu processo de constituição.

A nova fase histórica, que corresponde à crise estrutural do capital, põe na ordem do dia uma mudança radical neste sentido. Isto é, a reestruturação da organização da classe operária, até agora posta enquanto órgão *defensivo*. Este processo é muito difícil, porque a primeira reação, diante de um momento de crise não é andar naquela direção; ao contrário, é permanecer na defensiva, interferindo de modo defensivo no processo político. Estou convencido de que as possibilidades defensivas estão ultrapassadas. A classe operária no pós-guerra pôde conquistar resultados notáveis, no quadro defensivo, porque coincidiu com um período de expansão capitalista. Este período chegou ao término, e as possibilidades de obter resultados positivos, significativos para a classe operária não existem mais. O objetivo do ataque do capital, em todos os países, é constranger a classe operária; exemplo disto é a crise do *welfare state* e assim por diante.

A estratégia do eurocomunismo, de prosseguir nesse caminho defensivo, é uma posição paralisante. No momento atual, quando se pensa no fato de que um partido grande como o PCF se reduziu ao papel de esconderijo das traições de Mitterand, não se pode deixar de entender que se trata de uma falta grave. O poder do capital na França é tão grande que pode gerar, taticamente, uma crise monetária e coisas do

tipo e, aí, as possibilidades socialistas se anulam; e, infelizmente, o PCF se presta ao papel de encobrir o descumprimento das promessas socialistas de Mitterand.

Chasin: *Momentos atrás você tocou na questão do espontaneísmo, do voluntarismo etc. Gostaria, ainda que de forma sumária, que você retomasse a reflexão.*

Mészáros: Sim, isso se relaciona com a questão precedente. É verdade que nos encontramos num período de crise estrutural do capital, e é verdade também que as organizações da classe operária não são adequadas para enfrentar este desafio. É necessário encontrar novas formas de articulação para a ação socialista. Para isto não vejo uma possibilidade a não ser a interação dialética entre as forças parlamentares e as extraparlamentares. E esta articulação requer, ao mesmo tempo, não o *mito da espontaneidade*, mas sua própria constituição sob forma consciente e autoconsciente, requer uma consciência que se gera a partir desta mesma possibilidade objetiva. Uma *máxima consciência possível*, que encontre em seus problemas as mediações necessárias para realizar a ofensiva socialista. Neste sentido, faço uma citação de Marx: “Não basta que o pensamento se dirija à realidade, é necessário também que a realidade tenda ao pensamento”. E o que temos hoje é que a realidade vai em direção ao pensamento, mas o pensamento não vai em direção à realidade. O pensamento está preso ao passado e se recusa a este encontro, pois não tem condições de assumir esta responsabilidade.

Vaisman: *Em [19]78/79, o movimento operário brasileiro enfrentou este problema.*

Chasin: *Isso significa que a exigência de uma prática tem que estar acompanhada pela exigência de uma consciência cientificamente formulada?*

Mészáros: De forma máxima! Sem ela andaremos em círculos, é a maravilha da espontaneidade que não se realiza. A espontaneidade é fundamental, mas ela deve estar articulada pelo pensamento, sem que este seja impositivo. Se essa relação é feita de maneira correta, permite à própria espontaneidade encontrar o próprio pensamento, sem o qual não pode ir adiante. É um caminho difícil, mas ao mesmo tempo possível, em função da atualidade da ofensiva socialista.

Chasin: *É a retomada da centralidade operária, na direção da emancipação humana?*

Mészáros: Sim, a centralidade que abraça a totalidade do trabalho.

Lessa: *Qual é o papel do partido revolucionário?*

Mészáros: Nesta dinâmica, as forças parlamentares da política devem se articular, não de forma autônoma e autossuficiente, mas com as forças extraparlamentares. Essa extraparlamentariedade não significa opor-se ao partido, à superação da própria política. A reestruturação da política, no sentido social, deve se manifestar dessa forma, ou seja, as forças extraparlamentares devem agir em conjunto com as forças políticas, isto é, os partidos.

Chasin: *Uma última palavra, que seja, sobre a América Latina.*

Mészáros: Para mim o futuro do socialismo e o desenvolvimento da América Latina são inseparáveis. Países como Brasil, México e Argentina têm um peso decisivo neste processo.